

Penitência

Diariamente fazemos a experiência da luz e das trevas, da coragem e da covardia, da gratuidade e do puro interesse. A maldade parece tomar proporções gigantescas, e não podemos fechar os olhos diante da injustiça. É triste ver a floresta amazônica desmatada; a degradação do meio ambiente com rios poluídos, lixo não reciclado e favelas; a violência urbana coordenada pelo crime organizado ou mesmo a riqueza produzida pelo narcotráfico. Sem contar ainda o analfabetismo, aliado aos baixos índices de rendimento dos alunos de nossas escolas.

Frequentemente experimentamos os desacertos em nossos relacionamentos. Somos muito sensíveis quando nos fazem o mal, mas nem sempre temos a mesma atenção quando prejudicamos os outros. Muitas vezes não cometemos o mal por vontade própria, nem conscientemente, mas por omissão, deixando de fazer o bem. Individualmente, somos capazes de construir ou destruir projetos, unir ou separar pessoas, proteger ou violentar... Nosso coração pode abrigar sentimentos bons ou contrários. Pecamos todas as vezes que prejudicamos nosso irmão.

O pecado produz uma desordem interior. Deus nos fez livres para escolher o que nos leva à comunhão com ele, fonte da verdadeira felicidade e com os outros seres humanos. A nossa natureza nos impele a amar a Deus sobre todas as coisas.

Colocar o amor delas acima do de Deus transtorna todo o nosso interior, diminui a liberdade e nos faz escravos do amor desordenado pelas coisas passageiras. A reconciliação com Deus nos leva a uma reordenação de nosso ser em direção ao fim último do homem, onde reside a eterna felicidade.

Muitas pessoas pensam que nada mais é pecado e que cada um decide sua própria vida sem precisar da Igreja ou de alguém que lhe corrija. Vivemos um clima de profundo individualismo onde “cada um faz a sua lei”. Muita gente não gosta de ir se confessar, contar seus pecados e admitir que precisa da mediação da Igreja por meio desse sacramento porque podem se confessar diretamente com Deus.

1. Pecado e perdão na Bíblia

Nossos primeiros pais, Adão e Eva, foram tentados, quiseram ser como o Criador, e, assim, romperam o diálogo e a harmonia com Deus e se afastaram dele. Deixaram-se enganar pela voz tentadora da serpente ao prometer-lhes que, se desobedecessem a Deus, seriam como ele, “sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3,5). Dessa forma, eles ultrapassariam a condição de criaturas e se

igualariam a Deus. É o pecado do orgulho e da vaidade que os levaram à competição com Deus, recusando-se a se submeterem a ele, que quer somente o nosso bem.

Essa condição de pecadores permanece conosco até hoje, por isso trazemos em nosso coração duas vontades: do bem e do mal. O pecado degrada o ser humano e destrói a semelhança da criatura com o Criador e ofende a natureza e as criaturas.

O Filho de Deus, feito homem, habitou entre nós para nos livrar da servidão do pecado e chamar a humanidade das trevas à sua luz admirável. Cristo é a imagem perfeita do Pai. Sua missão neste mundo reconcilia o ser humano com o Pai, pois venceu a maldade do pecado com seu sangue derramado na cruz. Morreu por nossos pecados, e ressuscitou para a nossa justificação (Rm 4,25). A pessoa de Jesus constitui o lugar do encontro da misericórdia, do perdão e da justificação de todo ser humano.

As imagens mais ternas de Jesus destacam sua misericórdia e amor pelos pecadores, sempre reconhecendo sua capacidade de mudança, de optar pelo bem, pela verdade e se conduzir por uma vida reta, sem prejudicar ninguém.

Jesus curava paralíticos, cegos, leprosos e endemoninhados tidos como pecadores públicos, para manifestar seu poder de perdoar pecados. Jesus perdoou a pecadora arrependida (Jo 8,2-11), comeu com os pecadores e se comparou ao bom pastor que deixa as noventa e nove ovelhas protegidas e sai em busca da que se perdera (Lc 15,1-7). Absolveu o pecador: “Teus pecados te são perdoados!”, com a seguinte condição: “Vá e não peques mais”. Comumente dizemos: Jesus ama o pecador e detesta o pecado.

Jesus exalta a atitude daqueles que reconhecem o próprio erro, pedem perdão e por isso os considera justificados. Assim acontece com a mulher pecadora, que em atitude de humilde arrependimento, banha os pés de Jesus com suas lágrimas e unge-os com perfume (Lc 7,44-47a). Não é diferente com o rico Zaqueu, pois Jesus vai à sua casa, este o recebe, reconhece seus erros e se converte (Lc 19,1-10). Na parábola do pai misericordioso, Jesus ressalta a atitude do pai que perdoa sem limites diante do filho mais novo que se dá conta de seu erro e é capaz de confessar-lhe: “Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho” (Lc 15,21). Na cruz, igual reconhecimento se dá com o bom ladrão: “Jesus, lembra-te de mim, quando começares a reinar” (Lc 23,42).

Já na parábola do fariseu e do publicano que rezavam no templo, Jesus confronta duas atitudes. O último foi justificado porque pôs sua confiança primeiramente na misericórdia de Deus: “Ficou a distância e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!’” (Lc 18,13). No entanto, o fariseu não

alcança a justificação porque se apóia em suas próprias obras. Em sua oração está ausente o pedido de perdão, já que ele não só nada deve a Deus, como é Deus quem lhe deve; a enumeração de suas boas obras implicam a pretensão de uma recompensa.

Jesus nos recomendou a permanente atitude de vigilância para não cairmos em tentação. E o alegre anúncio da chegada do Reino, inaugurado em sua pessoa, inclui primeiramente a conversão. “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova” (Mc 1,15).

Se pedimos perdão porque ofendemos, é natural que também perdoemos os que nos ofendem. Deus condiciona o seu perdão ao nosso perdão mútuo. Assim, rezamos como Jesus nos ensinou: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (cf. Lc 11,4). Pedir perdão a Deus e à comunidade dos irmãos corresponde à solicitação do maior mandamento da lei de Deus: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo” (cf. Mc 12,30-31). O perdão de Deus nos foi dado radicalmente em Jesus Cristo, mas ele só nos atinge quando unido ao perdão fraterno.

Depois de sua ressurreição, Jesus enviou o Espírito Santo sobre os Apóstolos, a fim de possuírem o poder de perdoar ou reter os pecados (cf. Jo 20,19-23), e receberem a missão de pregar em seu nome a penitência e o perdão dos pecados a todas as nações (cf. Lc 24,47). Portanto, é a comunidade eclesial o meio onde e com cuja ajuda se dá a reconciliação eclesial. É nela que ecoa a Palavra de Deus que apela e perdoa o pecador; é nela que se acha uma comunidade que ora pelo irmão desgarrado; é nela que o pecador encontra exemplos de conversão, admoestações fraternas e apoio adequado (Mt 18,15-17; 2Cor 2,7; Gl 6,1-2).

2. A relação entre a Penitência e o Batismo

A conversão é um elemento central da vida cristã. A expressão eclesial mais excelente da conversão cristã é o sacramento da Reconciliação. Ele mostra, com grande realismo, a frágil condição humana necessitada da misericórdia do Pai e da salvação em Cristo. A força do Espírito comunica a graça do perdão e nos orienta a prosseguir rumo ao mistério de Cristo.

A Penitência é um acontecimento salvífico pascal, uma manifestação eclesial privilegiada da presença misteriosa da Páscoa de Cristo. “Esta vitória sobre o pecado refulge primeiro no Batismo, pelo qual o velho homem é crucificado com Cristo para que, destruído o corpo do pecado, já não sirvamos ao pecado, mas, ressuscitados com Cristo, vivamos para Deus.”¹ Há a bela citação de

¹ CNBB, *Ritual da Penitência*, n. 2.

Santo Ambrósio para ressaltar a ligação entre Batismo e Penitência: a Igreja, “além da água, possui as lágrimas: a água do Batismo; as lágrimas da Penitência”.

Todas as vezes que celebramos o perdão de Deus no sacramento da Penitência, recobramos a graça batismal perdida pelo pecado, participamos de sua Páscoa e somos reconciliados com Deus e com a Igreja.

“Uma vez que a vida nova na graça, recebida no Batismo, não suprimiu a fraqueza da natureza humana nem a inclinação ao pecado (ou seja, a *concupiscência*), Cristo instituiu esse sacramento para a conversão dos batizados que se afastaram dele pelo pecado.”²

3. A celebração da Penitência

Dando seguimento à ação de Jesus, a Igreja nunca deixou de chamar homens e mulheres do pecado à conversão e de manifestar, com a celebração da penitência, a vitória de Cristo sobre o pecado.³ Atualmente, o *Ritual da Penitência* admite três tipos de celebração:

- 1) Rito para a reconciliação individual dos penitentes,
- 2) Rito para a reconciliação de vários penitentes com confissão e absolvição individuais,
- 3) Rito para a reconciliação de vários penitentes com confissão e absolvição geral.

Tanto a celebração individual quanto a comunitária da Penitência incluem, primeiramente, a celebração da Palavra, pela qual Deus chama à Penitência e conduz à verdadeira conversão interior. “O sacramento da penitência deve começar pela escuta da Palavra de Deus, porque é justamente com a sua palavra que Deus chama à penitência e conduz à verdadeira conversão do coração.”⁴ Somos convertidos pela Palavra; “ela é mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4,12b). Assim, o convite para voltar a Deus, a revelação do seu coração de Pai sempre à espera para abraçar-nos como filhos, a descoberta da verdadeira natureza do pecado dentro de uma estrutura de aliança, a abertura a nova possibilidade de vida no seu amor, tudo isso brota da escuta da Palavra de Deus e do encontro com ela.

“A celebração em comum manifesta mais claramente a natureza eclesial do sacramento. Pois os fiéis ouvem juntos a Palavra de Deus, que, proclamando a misericórdia divina, os convida à conversão, levando-os a confrontar com ela sua vida e se ajudarem com a oração recíproca.”⁵

² *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 297.

³ Cf. CNBB, *Ritual da Penitência*, n. 1.

⁴ Id., ib., n. 24.

⁵ Id., ib., n. 31.

Atualmente, a legislação da Igreja é bastante restritiva para a celebração do terceiro modo, ordinariamente, o bispo reserva para si a licença para cada caso.

A liturgia estimula muito as celebrações comunitárias da penitência com a finalidade de suscitar a conversão. O mesmo *Ritual da Penitência* traz seis modelos opcionais contemplando diversas situações. Tais celebrações podem ser presididas por ministros leigos. Normalmente, contemplam a proclamação da Palavra, um gesto penitencial e orações de súplica e, naquelas em que há confissão individual, faz-se também a ação de graças pelo perdão recebido.

O sacramento da penitência passo a passo

Apresentamos os atos que o penitente deverá empreender para celebrar a Penitência individualmente.

O *exame de consciência* faz pensar em nosso projeto de vida, com seus objetivos. O que o impede de prosseguir rumo à meta estabelecida? Quais atitudes devem ser corrigidas e quais melhoradas ainda mais? Prejudicamos alguém? Cumprimos nossas obrigações na família, na escola, no trabalho? Que compromissos tenho assumido com minha fé?

A gente não deve se esforçar demais para distinguir se um pecado é leve ou é grave. As nossas ações devem ser guiadas pelo amor. O próprio temor de Deus, que a Bíblia chama de “princípio da sabedoria” (Provérbios 1,7 e 9,10), consiste propriamente no receio de ofender a Deus porque é Pai, e aos outros porque, como filhos de Deus, somos todos irmãos amados pelo Pai.

A *contrição ou arrependimento* inclui o propósito de não pecar mais; ao reino anunciado por Cristo só se pode chegar mediante a conversão, pela qual adquirimos o modo de pensar, de julgar e de dispor a vida como Jesus. Não basta conhecer nossas faltas; é preciso *arrepender-se* e querer *não as repetir*.

Na *confissão*, o sacerdote acolherá o penitente com amor fraterno, exorta-o a confiança em Deus. “Então o sacerdote ou o próprio penitente, se for oportuno, lê algum texto da Sagrada Escritura, o que pode ser feito também na própria preparação para o sacramento.”⁶

Em seguida, o penitente confessa seus pecados. O sacerdote, se necessário, ajuda o penitente a fazer a confissão íntegra, dá-lhe conselhos oportunos e exorta-o ao arrependimento de suas culpas, recordando-lhe que o cristão, pelo sacramento da Penitência, morrendo e ressuscitando com Cristo, se renova no Mistério Pascal.

⁶ Id., ib., n. 17.

A fórmula atual da absolvição, proferida pelo confessor ressalta o caráter trinitário da ação divina que ampara o penitente e o coloca novamente em comunhão: “Deus, Pai de misericórdia, que pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E eu te absolvo dos teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

Na *satisfação*, o sacerdote impõe ao penitente uma ação penitencial para reparar o dano causado pelo pecado e renovar sua vida.

O *propósito de mudança, o cumprimento da Penitência*, é mudar de vida em coerência com a conversão do coração. A Penitência ganha sentido quando se traduz em atos e gestos concretos. Ela é, portanto, um exercício de luta contínua, de conversão diária diante de tudo aquilo que nos prende nas tramas do egoísmo.

A Bíblia sempre nos aponta dois caminhos (cf. Salmo 1): o que nos leva à vida e aquele que conduz à morte. O batizado deverá sempre optar entre um e outro ao longo de sua vida. O seguimento do Mestre requer um posicionamento decidido, uma resposta livre do discípulo, firmada por uma adesão convicta de quem respeita o outro, crê na força do bem, se empenha para construir relações sem preconceitos ou discriminações.

Optar pelo Reino é uma atitude fundamental de vida. Mas, como temos consciência de nossas imperfeições e omissões, sempre nos acompanhará outra atitude fundamental: a conversão.

Reconciliar-se é fazer as pazes com Deus. Mas a própria reconciliação é dom de Deus. É iniciativa do Pai, ao enviar Jesus Cristo como nosso Salvador. Foi Cristo pelo seu sacrifício que, abrindo os braços na cruz como num grande abraço, nos reconciliou com o Pai (cfr. Romanos 3,10ss). “Pelos seus ferimentos, ele nos curou”, profetizou Isaías (53,32).

Núcleo de Catequese Paulinas

Livros indicados:

GOEDERT, Valter Maurício. *Reconciliação*. Retorno aos braços do Pai. São Paulo, Paulinas, 2004.

AZEVEDO, Walter Ivan de. *Festa do perdão*. São Paulo, Paulinas, 2012.